

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS DE GÊNERO

Fernanda Barbosa

FUNK E GÊNERO NAS ALDEIAS SOS

Santa Maria, RS
2023

Fernanda Barbosa

FUNK E GÊNERO NAS ALDEIAS SOS

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Estudos de Gênero, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Estudos de Gênero.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Jurema Brites

Santa Maria, RS
2023

Fernanda Barbosa

FUNK E GÊNERO NAS ALDEIAS SOS

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Estudos de Gênero, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Especialista em Estudos de Gênero**.

Aprovado em 11 de dezembro de 2023.

Jurema Brites, Dr.^a (UFSM)
(Presidente/orientadora)

Ali Machado, Dr.^a (ICHI/FURG)

Márcia Eliane Leindcker da Paixão, Dr.^a (UFSM)

Santa Maria, RS
2023

RESUMO

FUNK E GÊNERO NAS ALDEIAS SOS

AUTORA: Fernanda Barbosa

ORIENTADORA: Jurema Brites, Dr.^a (UFSM)

A temática escolhida envolve um relato de experiência de uma prática realizada com crianças e adolescentes nas Aldeias SOS, no Município de Santa Maria, RS. Objetivou-se analisar a construção de sentido da linguagem, utilizando letras de funk como ferramenta para discussões das questões de gênero com crianças e adolescentes que estão em acolhimento institucional por determinação judicial, em decorrência de violação de direitos ou pela impossibilidade momentânea de cuidado e proteção por sua família. Nesta experiência busquei relatar a possibilidade de realizar o processo de letramento, a partir de uma perspectiva crítico- emancipatória, trazendo a realidade e interesse dos sujeitos como ferramenta de ensino. Nesse sentido, o funk foi utilizado para que pudéssemos analisar questões de gênero nas letras das músicas e propor discussões acerca do assunto, construindo leitura e escrita. Os debates foram primordiais, pois essas crianças e adolescentes são a geração que futuramente estará lutando por seus direitos, vivendo com plena consciência sua sexualidade.

Palavras-chave: Leitura. Escrita. Questões de Gênero.

ABSTRACT

FUNK AND GENRE IN SOS VILLAGES

AUTHOR: Fernanda Barbosa

ADVISOR: Jurema Brites, Ph.D. (UFSM)

The chosen theme involves an experience report of a practice carried out with children and adolescents in the SOS Villages, in the Municipality of Santa Maria, RS. The objective of this study was to analyze the construction of the meaning of language, using funk lyrics as a tool for discussions of gender issues with children and adolescents who are in institutional care by court order, as a result of violation of rights or by the momentary impossibility of care and protection by their family. In this experience, I sought to report the possibility of carrying out the literacy process, from a critical-emancipatory perspective, bringing the reality and interest of the subjects as a teaching tool. In this sense, funk was used so that we could analyze gender issues in the lyrics of the songs and propose discussions about the subject, building reading and writing. The debates were paramount, because these children and adolescents are the generation that in the future will be fighting for their rights, living their sexuality with full awareness.

Keywords: Reading. Writing. Gender Issues.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Escrita de nomes e idades dos sujeitos	19
FIGURA 2 – Frases construídas a partir de discussões acerca das letras de funk – Parte 1.....	21
FIGURA 3 – Frases construídas a partir de discussões acerca das letras de funk – Parte 2	21
FIGURA 4 – Frases construídas a partir de discussões acerca das letras de funk – Parte 3	23

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	FUNK, GÊNERO E APRENDIZAGEM	7
2.1	FUNK E O MUNDO CULTURAL	9
3	A DISCUSSÃO DE GÊNERO NO CURRÍCULO ESCOLAR E A VIVÊNCIA NAS ALDEIAS SOS SANTA MARIA	12
3.1	NA PANCADA DO FUNK: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE LETRAMENTO NAS ALDEIAS SOS EM SANTA MARIA	14
3.1.1	O trabalho pedagógico	15
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
	REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

O presente trata-se de um relato de experiência revisitado. Relata uma experiência pedagógica, que foi friccionada pelos conteúdos que me afetaram durante o percurso do Curso de Especialização em Estudos de Gênero. Este trabalho é reflexo de minha trajetória como professora, para além disso, representou um estímulo para trilhar novos caminhos. Esse percurso será apresentado e discutido na conclusão do texto. O presente estudo é baseado em uma prática docente desenvolvida durante a minha participação como voluntária do projeto Aprender Esperançando, vinculado ao Projeto de Extensão denominada Esperançando, vinculado ao Observatório de Direitos Humanos da UFSM e Pró Reitoria de Extensão durante os meses de outubro de 2021 à janeiro de 2022. O projeto foi realizado com crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional nas Aldeias SOS de Santa Maria.

A instituição Aldeias SOS Santa Maria se configura no formato de casa lar para crianças e adolescentes que tiveram seus vínculos familiares fragilizados ou rompidos por motivos de risco como negligência, discriminação, abuso e exploração. Cada núcleo familiar é composto por até nove crianças, irmãos biológicos ou não, de diferentes idades e de ambos os sexos. A mãe social (cuidadora residente) é responsável pelo cuidado e projeto de vida de cada criança e jovem. As crianças são encaminhadas pelas autoridades da Infância, os irmãos biológicos não são separados. A Organização detém a guarda provisória e excepcional das crianças adolescentes e jovens a ela confiada. Numa unidade de acolhimento são garantidos seus direitos básicos como: alimentação, educação, saúde, lazer e o direito à convivência familiar e comunitária.

A partir dos encontros, percebeu-se que as crianças e adolescentes demonstraram interesse em relação a temas que gostariam de aprender nos encontros, o que nos motivou a trabalhar numa abordagem crítico-emancipatória, provocando-os a tomarem iniciativas, assumirem responsabilidades, desenvolverem a autonomia e se posicionarem em relação aos assuntos abordados nos encontros.

A abordagem crítico-emancipatória, o diálogo com os alunos sempre esteve muito presente do início ao fim dos encontros. Logo que começamos a definir como funcionaríamos os encontros voltados para leitura e escrita, os adolescentes propuseram o funk como ferramenta de ensino, pois o mesmo traz ambientabilidade aos sujeitos sobre suas vivências dentro e fora da escola. Para eles, o funk possui grande valor

cultural, com estilo próprio. Assim, este estudo justifica-se, primeiramente, pelo interesse e apreciação dos sujeitos pelo estilo musical do funk, no qual há uma prevalência dos temas que envolve homens, mulheres, sensualidade/erotismos apresentados de forma bastante explícitas nas letras e performados nas danças.

A proposta pedagógica se fez necessária, uma vez que é perceptível a relevância da música para o indivíduo na sociedade, especificamente no ensino-aprendizagem de língua portuguesa, no qual o uso da música pode oportunizar aos alunos repensar valores que contenham expressões culturais e artísticas diversificadas e significativas. Para tanto, inserir o funk no contexto escolar com o propósito de debater as percepções provocadas pela linguagem, tabus e questões de gênero envolvidos nas letras, como sexo, prostituição, machismo, feminismo, proporciona um ambiente para o desenvolvimento da sensibilidade, da criticidade e das habilidades comunicativas e interacionais e éticas do estudante em um contexto social diverso.

Neste contexto surge a proposta de pesquisa deste relato de experiência: é possível contribuir com o processo de leitura e escrita de crianças e adolescentes em Instituição de acolhimento por determinação judicial, em decorrência de violação de direitos ou pela impossibilidade momentânea de cuidado e proteção por sua família abordando questões de gênero, utilizando como ferramenta de ensino letras do funk?

O objetivo geral desta pesquisa é analisar a construção de sentido da linguagem, utilizando letras de funk como ferramenta para discussões das questões de gênero. Consoante a ele, foram definidos os seguintes objetivos específicos: discutir a linguagem presente no estilo musical funk, especificamente na representação do feminino e do masculino; e apresentar a poética musical como possibilidade para o ensino-aprendizagem de língua portuguesa, considerando o desenvolvimento do letramento; abordar a temática das questões de gênero nas letras do funk e discutir a problemática social das músicas.

Neste trabalho serão apresentadas as perspectivas das crianças e adolescentes sobre as representações das relações de gênero expressas nas letras dos funks escolhidos por eles, com base em letras do funk, durante o período em que foram realizados os encontros, com embasamento em alguns autores que tratam sobre gênero, funk e perspectivas pedagógicas.

2 FUNK, GÊNERO E APRENDIZAGEM

Este trabalho é o resultado de uma prática vivenciada com crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional, em que se utilizou de um determinado estilo musical, muito presente na vida cotidiana dos sujeitos, para a construção de leitura e escrita a partir de debates sobre questões de gênero. Esta pesquisa buscou compreender como a música não só representa a identidade cultural de determinada comunidade, mas também é um relevante mecanismo capaz de facilitar o processo de ensino-aprendizagem dos sujeitos em situação de vulnerabilidade social. De acordo com Fagner Alves de Andrade (2023):

Logo, entende-se que ao discutir determinados assuntos, torna-se importante o letramento crítico, instrumento utilizado na formação da criticidade do indivíduo a partir do ambiente educacional, utilizando questões específicas, cuja finalidade é a formação crítica dos alunos.

A linguagem musical acompanha a sociedade desde de tempos imemoriais e atua em diferentes momentos e situações, como: eventos políticos, cerimoniais, manifestações culturais, momentos em família e até mesmo educacionais. A música desperta forte atração sobre a psiquê humana, estimulando comportamentos e sensibilidades emocionais. A forma como se desenvolvem nossos comportamentos e relacionamentos podem ser influenciados, consciente e/ou inconscientemente, pelas melodias que ouvimos (ANDRADE, 2023, p. 181).

Além disso, o funk pode abordar temáticas vistas como tabus ao serem inseridas no contexto escolar, bem como sexualidade e a representação de gênero, ou seja, os papéis atribuídos pela sociedade, baseados em sua característica biológica de nascimento (sexo) e considerando que esses papéis são representações sociais do que é masculino e feminino numa cultura específica. Entretanto, o conceito de gênero requer pensar não apenas nas distinções entre homens e mulheres, entre masculino e feminino, mas em como as construções de masculinidade e feminilidade são criadas na articulação com outras diferenças, de raça, classe social, nacionalidade, idade; e como essas noções se embaralham e misturam no corpo de todas as partes, não se deixam classificar de maneira linear como apenas homens ou mulheres.

O funk é criação cultural que reflete complexidades ético-sociais da nossa sociedade. O funk opera como a boa arte que, faz muito, não se trata mais do belo, mas é um sistema de ação. Age sobre o mundo, desafiando-o, provocando-o e propondo discussões. Como provocaram, por meio de discursos em torno do corpo,

em evidência a objetificação do corpo preto, do erótico e da sexualidade. O funk é espaço de afirmação de múltiplas identidades. Se algumas produções se fazem junto a discursos machistas e misóginos, vemos também as mulheres com suas respostas, mostrando não apenas o poder do feminino, mas operando também em uma lógica própria ao funk, de se fazer por meio da disputa, que opõe também polícia e ladrão, a própria facção e a facção rival, o playboy e o funkeiro, a esposa e a amante. Se o funk é espaço de elaboração de relações de gênero é também espaço de elaboração de subjetividades em um mundo pós-gênero.

Por um lado, ao pensarmos sobre o funk, devemos questionar também a erotização das mulheres em cliques e sua veiculação em redes sociais, chegando às crianças e adolescentes, especialmente no que se refere às meninas. Sabemos que todos os corpos são construídos, mas na nossa sociedade as meninas desde pequenas se deparam com a construção cultural de um corpo pela mídia que, através de múltiplas formatações e até sacrifícios, seria a materialização de uma beleza inerente ao feminino, naturalmente fútil e fetichizada.

Falar sobre gênero é falar sobre espaços sociais diferenciados para homens e mulheres, masculino e feminino, e, em debates mais atuais, sobre “como as construções de masculinidade e feminilidade são criadas na articulação com outras diferenças, de raça, classe social, nacionalidade, idade” (PISCITELLI, Adriana, 2009, p. 146). Nesse sentido, discutir gênero com crianças e adolescentes traz questionamentos e abre espaço para que possam dialogar sobre suas vivências cotidianas, afim de fomentar reflexões que as concebam como historicamente-socialmente constituídas, sendo elas a violência de gênero, as desigualdades e diferenças, o racismo e preconceito, seja ele de classe, gênero, cor, pois a maioria dos jovens ali eram negros e alguns deles homossexuais.

Ao pensar em propostas de educação não-formal realizadas com crianças e adolescentes em instituições de acolhimento, podemos rever e questionar a presença de uma educação sexual sob uma perspectiva em que a sexualidade constitui o sujeito em todas as etapas de sua existência, o que requer da escola uma dedicação continuada a essa temática, e não apenas em atividades localizadas. A escola não apenas reproduz modelos de normalidade, mas também os engendra. A escolha do vocabulário que se utiliza está atravessada pelas relações de poder. O uso do ‘homem’, enquanto genérico, para tratar da espécie humana deve ser criticado, tendo em vista todas as conquistas do movimento feminista. Por outro lado, esse modo de

associar a sexualidade à reprodução implica manter a heteronormatividade como modelo, bem como desqualificar moralmente o prazer e outras práticas sexuais que não a penetração vaginal, favorecendo assim a cristalização de preconceitos.

Este relato pretende repensar uma vivência, na qual o interesse de crianças e adolescentes em aprender sobre funk e o que ele representa propiciou um espaço para concretizar propostas de leitura e escrita. Essa experiência foi revisitada durante o Curso de Especialização em Estudos de Gênero, o qual me possibilitou ampliar o conhecimento acerca de variados assuntos dentro dos estudos sociais, podendo assim, compreender melhor algumas condutas dentro da área da educação e pensar em melhorias, inclusive da minha atuação como educadora dentro de uma perspectiva crítica. Ademais, esta pesquisa se faz necessária, uma vez que é perceptível a relevância da música para o indivíduo na sociedade, especificamente no ensino-aprendizagem de língua portuguesa, no qual o uso da música pode oportunizar aos alunos contatar/repensar valores que contenham expressões culturais e artísticas diversificadas e significativas. Para tanto, inserir o funk no contexto escolar com o propósito de debater as percepções provocadas pela linguagem, violência e sexualização envolvidas nas letras, proporciona um ambiente para o desenvolvimento da sensibilidade, da criticidade e das habilidades comunicativas e interacionais do estudante em um contexto social diverso.

2.1 FUNK E O MUNDO CULTURAL

O funk surgiu das batidas de rhythm and blues nos Estados Unidos no ano de 1950, passando pelo ritmo do rock e soul, até chegar aos dias de hoje. Destacamos aqui o funk carioca, que, segundo as pesquisas de Patrick Jason Arnoldt (2019, p. 16), a princípio não foi considerado uma manifestação artística que representava o povo brasileiro e as características do país, mas sim uma forma de silenciamento dos produtores deste estilo musical, ligado à imagem do crime, tráfico de drogas e pobreza. Na perspectiva do autor Micael Herschmann, o universo da música, no qual especialmente o funk e o hip-hop, nas suas diversas formas de expressão, atualizam um “tom conflituoso”, ou pelo menos tenso, pouco visto anteriormente na Música Popular Brasileira (MPB). O funk e o hip-hop (e talvez alguns dos gêneros musicais presentes nos principais centros urbanos do País) apresentam-se como estudos de caso que, em função do lugar que ocupam junto às camadas juvenis menos

favorecidas da população, permitem repensar a emergência, no imaginário social, de um Brasil fragmentário e plural.

De outra parte, não é possível deixar de remarcar que o Brasil é um país fortemente marcado pelo feminicídio. Segundo pesquisas do monitor de violência da USP e G1, no ano de 2022, 1 140 mulheres foram assassinadas no Brasil. O país comporta um dos maiores índices de feminicídio mundial. De acordo com o levantamento, houve um crescimento de 5% em comparação a 2021. É o maior registro de casos desde que a lei de feminicídio entrou em vigor, em 2015. Os assassinatos de mulheres, de modo geral, também cresceram. Foram 3.930 casos em 2022, o que representa um aumento de 3% em comparação ao ano anterior. Esse número leva em consideração não apenas casos de feminicídio, mas homicídios dolosos contra mulheres. Esse número leva em consideração não apenas casos de feminicídio, mas homicídios dolosos contra mulheres, independente da discriminação sobre a condição de mulher.

Num contexto dessa natureza, enfrentar estas temáticas com jovens e crianças é de extrema importância para a compreensão da violência de gênero no país. Mas, sabemos que o universo destas violências é mais complexo. Os estudos sobre masculinidades hegemônicas, de Robert Connell e James Messerschmid (2013), nos ajudam a compreender o modelo de masculinidades hegemônicas e as consequências tanto para as mulheres, quanto para os homens. De acordo com a pesquisa *Silêncio dos Homens*, podemos perceber a complexidade da realidade nacional em termos de racismo estrutural.

Assim, as masculinidades hegemônicas tomadas como objeto de análise dos estudos territoriais são tidas como decorrentes de aspectos relacionais e processuais, dos níveis de relações de poder e de possibilidades de interferência em seu movimento: conflito, apropriações e dominações. Portanto, tais multiterritorialidades masculinas hegemônicas (marcadas por virilidade, uso da força, ausência de sentimentos, falocêntrico, homosociabilidade, machismo e homofobia), fomentam condições sociais construídas, vividas, percebidas e compreendidas como as dominantes, uma vez que nas relações, estas (multi)territorialidades cotidianas são construídas, e servem para identificar os grupos sociais aos quais cada indivíduo pertence.

Por outro lado, as masculinidades subordinadas, que indicam a pluralidade das formas de vivências das masculinidades a partir de outros marcadores sociais de diferença (aspectos étnico-raciais, condições de deficiência, transmasculinidades e homossexualidades), também constituem multiterritorialidades que se constituem com a articulação de estratégias de sobrevivência destes sujeitos. A interdisciplinaridade dos estudos territoriais indica a abertura para se pensar formas de eliminar limites, por meio das estratégias de sobrevivências dos sujeitos com suas marcas de

masculinidades subordinadas (NOVAES, Edmarcius Carvalho; GROSSI, Miriam Pillar, 2021, s. p.).

Nessa perspectiva, o tema do trabalho é analisar dentre as experiências vivenciadas com jovens em Instituição de Acolhimento, questões complexas que envolvem gênero, sexualidade, violência e identidade levantadas a partir de letras do funk, trabalhadas em encontros com os mesmos. Questões essas como a violência, o machismo nas letras do funk e a hipersexualização apresentada nas composições.

Nesse processo letras e performances das músicas em questão contribuem para a construção de um contexto cultural que normatiza a violência sexual contra a mulher, construindo tanto vítimas como agressores potenciais. Neste contexto, é mister destacar o papel do funk como um território tanto na perspectiva funcional como na simbólica. Sendo um espaço de sedimentação simbólico-cultural, o funk atua como suporte de identidades individuais e coletivas.

A relação entre erotismo e violência nas letras de funk demanda, portanto, o entendimento de sua interseccionalidade com questões de raça, classe e gênero. (BAUER, Greta, 2014). É necessário capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação para compreender que aquela mulher não apenas é alvo da violência de gênero, como também é privada da tutela social que lhe garantiria o status de vítima. (BAUER, Greta R., 2014). Neste contexto, vale pensar a forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios, em intersecção, criam desigualdades básicas que potencializam as mais variadas formas de violência.

Essa construção, contudo, na perspectiva da cultura do estupro, é falaciosa e problemática. Falaciosa porque coaduna com normas sociais que estereotipam os agressores e ignoram que estupradores se encontram em todos os lugares e classes da sociedade, entre as pessoas sem risco social aparente. Problemática porque oculta a real questão, que envolve a banalização da violência decorrente da incapacidade de refletir sobre ela. A sociedade não está dividida de forma dual entre procedimentos de violência e civilidade. Ao contrário, as formas notórias da violência são a face pública de relações cotidianas tecidas a nível privado e microssocial (BRILHANTE, Aline Veras Morais *et al.*, 2019, p. 7).

A violência advém da ausência de reflexão sobre atos e condutas legitimados no tecido social. Machistas e estupradores agem ancorados por discursos de ódio e machistas que são transmitidos até eles, e por eles, das mais variadas formas, incluindo músicas como as aqui retratadas.

3 A DISCUSSÃO DE GÊNERO NO CURRÍCULO ESCOLAR E A VIVÊNCIA NAS ALDEIAS SOS SANTA MARIA

No livro *Um corpo estranho* (2008), Guacira Lopes Louro aponta o fato de sermos viajantes. Estamos sempre em busca de novas possibilidades e criações. Na perspectiva dos Estudos de gênero não seria diferente, é necessário que haja discussões acerca do assunto no âmbito educacional, seja ele formal ou não formal, para trazer à tona as realidades cotidianas vivida por muitos sujeitos inseridos em contextos distintos. O processo de encontro consigo mesmo acontece não de forma linear e sim com muitos desvios, desarranjos, desajustes e retornos. Porém o indivíduo que buscou autoconhecimento e buscou entender para um ponto de vista social as questões de gênero não será mais o mesmo, o olhar torna-se mais expressivo, incomodativo e questionador, respeitando a diversidade cultural. O papel do professor nesse sentido, é mediar o processo de criticidade dos sujeitos, para que busquem uma visão mais clara do entorno contextual social e cultural que os cercam.

A partir da escolha metodológica no trabalho educativo com o grupo de crianças e adolescentes, com o objetivo de desenvolver a leitura e a escrita, permeada pelos estudos de gênero contidas nas letras do Funk, foi possível tornar significativa as aprendizagens dos sujeitos.

Nesse sentido, Guacira Louro traz a perspectiva de um currículo Queer. "Uma pedagogia e um currículo *queer* se distinguiriam de programas multiculturais bem-intencionados, em que as diferenças (de gênero, sexuais ou étnicas) são toleradas ou são apreciadas como curiosidades exóticas" (LOURO, Guacira Lopes, 2008, p. 48).

Escola, currículos, educadoras e educadores não conseguem se situar fora dessa história. Mostram-se, quase sempre, perplexos, desafiados por questões para as quais pareciam ter, até pouco tempo atrás, respostas seguras e estáveis. Agora as certezas escapam, os modelos mostram-se inúteis, as fórmulas são inoperantes. Mas é impossível estancar as questões. Não há como ignorar as 'novas' práticas, os 'novos' sujeitos, suas contestações ao estabelecido. A vocação normalizadora da Educação vê-se ameaçada. O anseio pelo cânone e pelas metas confiáveis é abalado. A tradição pragmática leva a perguntar: que fazer? A aparente urgência das questões não permite que se antecipe qualquer resposta; antes é preciso conhecer as condições que possibilitaram a emergência desses sujeitos e dessas práticas (LOURO, Guacira Lopes, 2008, p. 2).

Uma proposta *queer* nos currículos escolares, seja de educação formal ou não formal, faria com que o aluno percebesse que a diferença não habita um espaço externo ao seu meio e realidade, pelo contrário, está ao seu redor, em todo seu contexto. Além disso, problematizar as estratégias normalizadoras, as identidades e os marcadores de definições, também é um ponto importante, que caracterizaria esse currículo.

Assim, a partir de uma pedagogia *queer*, essas estratégias, conforme as palavras da própria autora, também acabam por contribuir com a produção de determinado "tipo" de sujeito mas, neste caso, longe de projetar um modelo ideal social (LOURO, Guacira Lopes, 2008, p. 52 apud BARREIRO, Alex, 2013, p. 274).

Desta forma, uma pedagogia e um currículo espelhados na teoria *queer* estariam voltados para o processo de produção das diferenças e trabalhariam centralmente com a precariedade de todas as identidades.

Problematizar, também, as estratégias normalizadoras que, no quadro de outras identidades sexuais (e também no contexto de outros grupos identitários, como os de raça, nacionalidade ou classe) pretendem ditar e restringir as formas de viver e de ser. Pôr em questão as classificações e os enquadramentos. Apreciar a transgressão e o atravessamento das fronteiras (de toda ordem), explorar a ambiguidade e a fluidez. Reinventar e reconstruir, como prática pedagógica, estratégias e procedimentos acionados pelos ativistas *queer*, como, por exemplo, a estratégia de “mostrar o *queer* naquilo que é pensado como normal e o normal no *queer*” (LOURO, Guacira Lopes, 2008, p. 11).

Pensar na elaboração de um modelo curricular *queer* é uma tarefa arriscada, uma vez que se contrapõe aos ideais vigentes na sociedade. Dessa forma, tal proposta é um ato de criação, por não se valer de pressupostos, mas, sim, de uma teoria desconcertante, provocativa e perturbadora.

O corpo é histórico, situado e determinado socialmente. “Os corpos são “datados”, ganham um valor que é sempre transitório e circunstancial. A significação que se lhes atribui é arbitrária, relacional e é também disputada. Para construir a materialidade dos corpos e, assim, garantir legitimidade aos sujeitos, normas regulatórias de gênero e de sexualidade precisam continuamente serem reiteradas e refeitas” (LONGARAY, Deise Azevedo; RIBEIRO, Paula Regina Costa, 2016, p. 763).

Normas são invenções sociais, alguns sujeitos aderem e outros escapam; seja qual for o movimento requer esforço e implica em custos. Qualquer que seja o

movimento está imerso em relações de poder. Dentro da educação, nesse sentido deve ser discutido e analisado as questões de gênero para uma sociedade emancipatória e mais acolhedora com a construção das identidades de gêneros e corpos sociais.

3.1 NA PANCADA DO FUNK: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE LETRAMENTO NAS ALDEIAS SOS EM SANTA MARIA

As Aldeias SOS tiveram como fundador Hermann Gmeiner, em 1949, na Áustria, com a missão de dar um lar às crianças órfãs em consequência da perda de seus familiares na Segunda Guerra Mundial. Desde então, esse projeto não parou de crescer e, atualmente, os integrantes dele atuam em 132 países, incluindo o Brasil. (ALDEIAS INFANTIS SOS BRASIL, 2009 apud SANTOS, 2016, p. 242)

De acordo com as ALDEIAS INFANTIS SOS BRASIL (2009 apud SANTOS, 2016, p. 242), as Aldeias são consideradas uma Organização Não Governamental (ONG) por serem instituições autossustentáveis e sem fins lucrativos. No Rio Grande do Sul, estão instaladas na Capital do Estado e na cidade de Santa Maria. Em Santa Maria, as Aldeias SOS atuam desde 1978 como casa de acolhimento de crianças e de adolescentes, como casas-lares, onde ficam crianças e adolescentes que são retirados de suas famílias por determinação judicial, em decorrência de violência ou de maus-tratos.

Os recursos para o desenvolvimento de atividades e suprimentos das Aldeias, por ser uma ONG, funcionam por meio de contribuições voluntárias de pessoas físicas, empresas privadas e do apoio do Programa Mesa Brasil SESC (Serviço Social do Comércio). As Aldeias SOS têm a finalidade de atender às comunidades de baixa renda e de alto risco de vulnerabilidade social. Visam promover ações na defesa dos direitos humanos e na garantia dos direitos civis das crianças e adolescentes por intermédio do incentivo sócio comunitário, socioeconômico e cultural das comunidades envolvidas.

Em Santa Maria, as Aldeias SOS atuam desde 02/12/1978. A primeira Aldeia Infantil SOS se instalou no Bairro São José como casa de acolhimento de crianças e de adolescentes, como casas-lares, onde ficam crianças e a adolescentes que são retirados de suas famílias em decorrência de violência ou de maus-tratos, abrigando, na época de sua fundação, 30 menores entre 0 a 17 anos de idade. (ALDEIAS SOS

BRASIL, 2009 apud SANTOS e Vestena, p. 243). Dessa forma, os adolescentes permanecem nos lares até completarem 18 anos ou até serem adotados por alguma família. Hodiernamente, as Aldeias SOS Santa Maria está localizada no Bairro Dom Antônio Reis, com o objetivo de dar qualidade de vida aos sujeitos através de um lar estruturado com a possibilidade de estudo para que os indivíduos possam ingressar no mercado de trabalho.

Nesse sentido, o Projeto Aprender Esperançando atendeu seis crianças e adolescentes, com idades entre 12 e 15 anos, de ambos os sexos, em situação de acolhimento por determinação judicial. Foram realizados planejamentos de apoio pedagógico para cada encontro, no qual trabalhamos propostas de leitura e escrita a partir do interesse dos sujeitos ativos da aprendizagem.

3.1.1 O trabalho pedagógico

Partindo disso, selecionamos algumas músicas da preferência dos sujeitos para serem trabalhadas nos encontros. A partir das letras das músicas pudemos aprofundar algumas questões sociais importantes, como o machismo, empoderamento feminino, pornografia e sexualização.

Foram realizados cinco encontros, com cerca de 45 minutos de duração. Os encontros eram realizados no gramado externo da Instituição. Para cada encontro preparávamos um plano de ensino, o qual servia como guia, entretanto, haviam momentos de flexibilidade, em que escutávamos as crianças e adolescentes e discutíamos assuntos pertinentes, como as questões de gênero adentradas nas letras de funk. As crianças e adolescentes, apesar da pouca idade, possuíam certa familiaridade com os assuntos apresentados. Todos os encontros eram registrados com fotos e textos escritos pelas crianças e adolescentes.

De acordo com Jane Schumacher e Alícia de Oliveira Gonçalves (2020),

O Funk é uma expressão dos adolescentes da periferia. É uma oportunidade dos jovens contarem suas realidades e particularidades, além de ser um meio de reivindicação dos direitos negados. Esse empoderamento é vital para esses sujeitos que são muitas vezes invisibilizados e estigmatizados por uma sociedade excludente (SCHUMACHER, GONÇALVES, 2020).

Na perspectiva de Paulo Freire (1996) e com base nos princípios da educação libertadora para embasar a prática das oficinas do projeto, que visava promover

processos educativos horizontais, democráticos e emancipatórios, a leitura através do Funk, foi o momento que os adolescentes refletiam sobre a realidade e problemas que viveram, vivem e viverão após estabelecerem os dezoito anos de idade. Buscamos construir momentos diferenciados da rotina estabelecidas nos diversos contextos formativos, de horizontalidade e de diálogo, promovendo espaços descontraídos de aprendizagem utilizando o Funk como ferramenta de educação, e permitindo que compartilhassem suas vivências, anseios e sentimentos.

Segundo Paulo Freire (1989), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (p.9), revelando que a realidade que se apresenta para o sujeito em seu contexto pode ser diferente da realidade da escolarização. Nesse sentido, o professor, mesmo que em espaços não-formais de ensino, deve oportunizar aos sujeitos uma educação significativa, que tenha como intuito a educação com sentido, com palavras do cotidiano das crianças e adolescentes inseridas no projeto.

A preocupação com os “textos”, as “palavras” e as “letras” do contexto em que a percepção é experimentada, aumenta a capacidade de perceber e aprender. Resulta numa série de coisas, sinais, cuja compreensão acontece por meio da relação com o concreto e com os pares (PAULO FREIRE, 1989). Portanto a leitura através do Funk, busca a percepção crítica, a interpretação e a “reescrita” de palavras e a partir delas, a construção de frases e textos, constituindo esse processo como um ato de conhecimento.

Adotados nos encontros como proposta pedagógica, propõem uma aprendizagem que requer uma tomada de posição perante os problemas vivenciados pelos adolescentes. Reunimo-nos uma vez na semana, com o objetivo de ler. Por meio do funk, assuntos de interesse do grupo, no qual os participantes se percebem detentores de sua história e de sua cultura. A atividade dos círculos promove a ampliação do olhar sobre a realidade, mediante o diálogo e o desvelamento da realidade com suas interligações, culturais, sociais e político-econômicas.

É importante destacar que Paulo Freire (1994), ao falar de cultura, se refere ao cotidiano das pessoas, considera-se a forma de alimentação, saúde, meios de transporte e, fazeres artísticos, como a música, a dança e a pintura. Nos encontros realizados foi garantido o direito de todos se expressarem, participar de forma livre e coletiva, no qual nosso papel foi de mediadoras dos debates estabelecidos, conforme aponta Freire (2003), utilizar o diálogo para possibilitar a ampliação da consciência crítica sobre a realidade. Assim, Schumacher e Gonçalves (2020) afirmam que o funk é uma ferramenta

de emancipação dos indivíduos, tanto dos que escutam como dos que compõem, dos que produzem e até mesmo, como no caso deste projeto, dos que o utilizam como ferramenta de educação.

Ao analisar as vivências adquiridas durante a prática com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social em Instituições de Acolhimento trouxe assuntos enriquecedores para a prática docente. Ao partir de uma perspectiva de abordar assuntos relevantes e presentes no cotidiano desses sujeitos, pudemos construir momentos de interação entre os pares, discussões acerca das pautas levantadas nas letras das músicas trazidas e construção de um processo de leitura e escrita a partir desses elementos.

Partimos das vivências dos alunos através de seus gostos musicais e desenvolvemos um projeto para discutir algumas letras musicais, como “Fazer falta”, de MC Livinho, “Trava Na Pose, Chama No Zoom, Dá Um Close” MC Rennan e “Bipolar”, de MC Don Juan, que abordam a figura da mulher, o machismo, com o objetivo de relacionar a música com a questão de gênero e sexualidade.

Iskaime da Silva Sousa (2016, p.17) afirma que, ao ouvirmos e analisarmos algumas letras de funk vemos que a identidade feminina está posta ao erotismo, à promiscuidade e à objetificação, em que o homem sempre é o detentor do domínio e da força, enfatizando a inferioridade da mulher. Foi justamente essa leitura que desencadeou todo o trabalho.

O plano pedagógico consistia em:

- 1) O que será feito?
- 2) Por quem será feito?
- 3) Objetivos
- 4) Onde será feito?
- 5) Quando será feito?
- 6) Desenvolvimento da proposta
- 7) Quais instrumentos precisará?



CENTRO DE EDUCAÇÃO - PROJETO DE ENSINO E EXTENSÃO:

ATIVIDADES DE ENSINO E APRENDIZAGEM PRÁTICA DE CONSTRUÇÃO DE FRASES E TEXTOS NO ATENDIMENTO À CRIANÇA E ADOLESCENTES DA ALDEIA SOS NO MUNICÍPIO DE SANTA MARIA – RS.

PROJETO VAZOU!!!!

SABER, ESPERANÇANDO.

PLANO DE AÇÃO de Apoio PEDAGÓGICO DATAS: 22/11

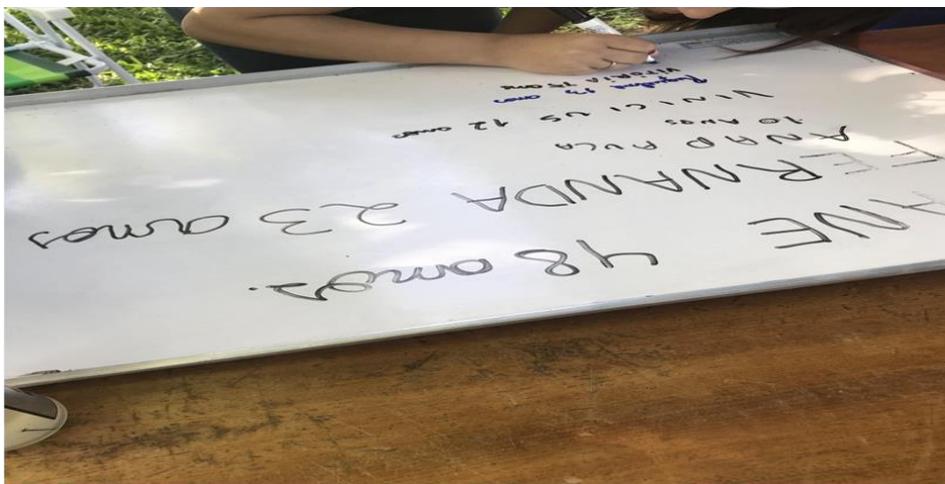
1) O QUE SERÁ FEITO?	2º Encontro- Será apresentada a música de um MC para refletirmos e discutirmos sobre a letra da música, palavras encontradas e a biografia do MC.
2) Por quem será feito? (acadêmicos)	Prof. Jane Schumacher/ CE Acadêmica do Curso de Pedagogia - Fernanda.
3) Porque será feito (objetivos)?	<ul style="list-style-type: none"> • Criar um espaço de interações entre as professoras e os adolescentes; • Vivenciar um espaço de aprendizagens significativas no processo de alfabetização por meio do Funk e o contexto social dos sujeitos.
4) Onde será feito?	ALDEIAS SOS -Santa Maria.
5) Quando será? (segunda-feira).	Segunda: 22/11 Horas: 15h45min
6) Como será feita a atividade: desenvolvimento	

	<p>1) Momento: Iremos escutar a música, após iremos ler a letra juntos e abrir um espaço de discussão sobre o que a letra tem a nos apresentar.</p> <p>2) Momento: No segundo momento iremos procurar palavras nas letras que ainda não conhecemos e pesquisar seus significados. Discutir o significado das letras das músicas.</p> <p>3) Momento: Definir o que faremos no próximo encontro.</p>
7) O que vai precisar: (materiais que utilizará)	Folhas, Canetas, caixa de som, revistas.

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

No primeiro encontro realizamos uma roda de conversa informal para conhecer as crianças e adolescentes, partindo da escrita dos nomes e suas respectivas idades.

Figura 1 – Escrita de nomes e idades dos sujeitos



Fonte: Acervo pessoal da autora (2021).

Partindo disso, selecionamos algumas músicas da preferência dos sujeitos para serem trabalhadas nos próximos encontros, além disso, também trabalhamos o conceito que eles tinham de MC.

As crianças e adolescentes responderam que MC “é uma pessoa que canta funk”, “é a pessoa que faz música”, “é uma pessoa que tem tatuagem”, “são pessoas que usam drogas”. Nesse modo, podemos perceber que as vivências dessas crianças e adolescentes são de muita vulnerabilidade social, mas para além disso, eles retratam a figura do MC como alguém que é muito próximo deles, que vive entre eles, sejam eles familiares ou vizinhos, mas sobretudo, um sujeito que é um deles.

Durante esse encontro, realizamos a leitura da música “Fazer falta”, de MC Livinho e posteriormente realizamos o levantamento de algumas questões dentro da perspectiva de gênero, como as questões da objetificação do corpo da mulher na letra da música e a mesma posta em situação de inferioridade por parte do homem, sendo vista como útil apenas para sexo.

O gênero é constituído através das relações sociais, instituições, símbolos, discursos e doutrinas, materializados na mente e nos corpos. As músicas foram escolhidas com base no contexto de criação e nos fatos históricos que permeavam aquele momento. A análise foi feita a partir da letra da música, como apontamos logo abaixo:

Fazer Falta

MC Livinho

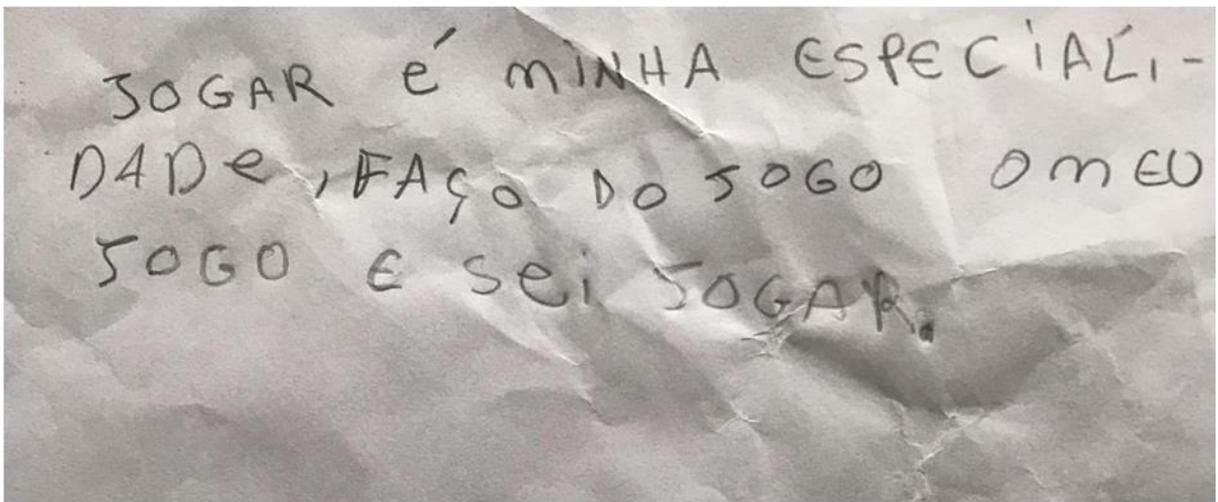
Na hora que me escutar
 Vai ver que isso não é drama
 Precisa raciocinar
 Que beijo não resume em transa
 Mas quem sou eu, se quiser vir pra cá
 Vou me contradizer e não aguentar
 Fiz essa letra pra te incentivar
 Mas se você mudar, vai fazer falta
 Se teu hobby é sentar, não vou te criticar
 Tá de parabéns, parabéns
 Mas preciso de você pro rolê valer
 Então senta bem, senta bem
 Oah!

Então sarra, então sarra
 A bunda no chão, bunda no chão
 Então sarra, então sarra
 O popozão, o popozão

Neste dia, pudemos questionar as crianças e adolescentes sobre a letra da música trazida. A música traz algumas questões da dança do funk e a sexualização do corpo feminino. Trouxemos algumas questões sobre como entendiam a letra da música? Como a imagem da mulher foi percebida por eles? O que o Mc quis dizer com aquela letra de funk? Os sujeitos respondiam que as músicas eram legais para dançar, se divertir, mas que traziam algumas partes obscenas, que falavam de sexo, mulheres e drogas e que achavam que o MC fazia aquilo apenas por ostentação. Podemos perceber que o sujeito ativo – quem “fode” – é tomado como um sujeito completo. O alvo, todavia, é uma parte fragmentada do corpo da mulher à qual esta foi reduzida.

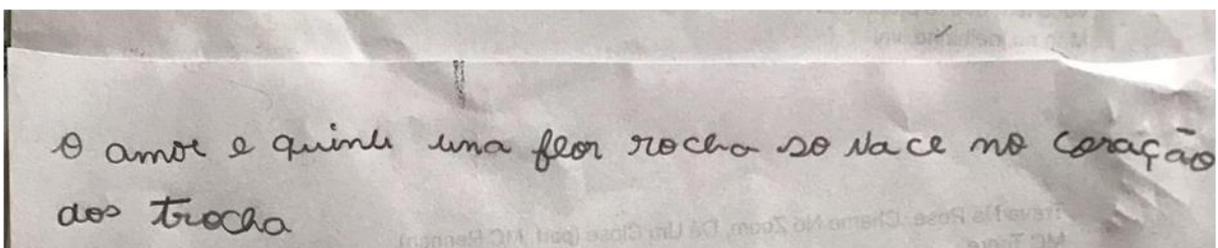
Em um dos encontros realizamos a proposta de que lêssemos a letra da música e depois construíssemos frases que envolvessem o assunto, como mostra a Figura 2 a seguir.

Figura 2 – Frases construídas a partir de discussões acerca das letras de funk – Parte 1



Fonte: Acervo da autora (2021).

Figura 3 – Frases construídas a partir de discussões acerca das letras de funk – Parte 2



Fonte: Acervo da autora (2021).

Podemos perceber com essas imagens a visão que das crianças e adolescentes possuem do amor parece ser muito cruel ou que amar é se tornar uma pessoa trouxa, boba, vulnerável. No livro “Tudo sobre amor” de bell hooks, a autora traz a ideia de que os significados de amar estão tão deturpados, que passamos a encará-lo, entre outras coisas, como dependência. Segundo ela, foi construído um discurso depreciativo do amor. Uma noção cínica que acaba por remeter um sentimento humano em algo fadado à desilusão. Por isso, *Tudo sobre o amor* primeiro defende a importância de se definir o amor, de se ter clareza sobre o que ele é, uma vez que, sem isso, não é possível amar. Comprar a ideia de que ele é indefinível é contribuir para sua perda de significado, já tão diluído; também, não ter uma noção clara do que é o amor permite a aceitação de atitudes que, na realidade, não coexistem com ele.

Em um dos encontros também realizamos a leitura da letra da música sugerida pelos educandos “Bipolar” do Mc Pedrinho, Mc Davi e Mc Don Juan:

Bipolar

Mc Pedrinho, Mc Davi, Mc Don Juan

(Vai se tratar, garota)

Minha paz não tem preço e é isso que eu prezo
 Eu não posso ir preso, por isso fico quieto
 Na hora da treta, cê acorda o prédio
 Na hora da foda, nois fode até o teto
 Eu tô saindo fora, você é bipolar demais
 Me xinga toda hora, depois quer vim sentar pro pai

Vai se tratar, garota

Sai da minha bota

Rasgou minhas roupas, queimou o 12 mola

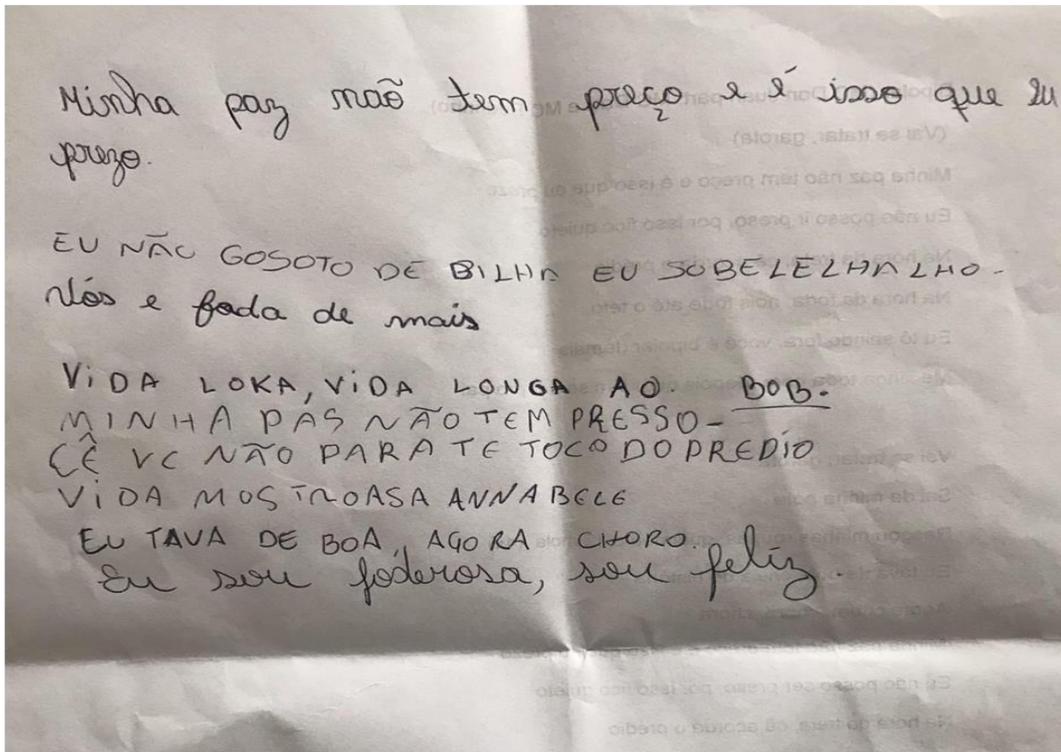
Eu tava de boa, cheia de história

Agora chora, chora, chora.

A partir da música levantamos algumas questões sobre como a mulher é vista como louca, e a imagem do homem em superioridade, aquele quem toma as decisões frente ao relacionamento. Além disso, a música traz a figura da mulher como objeto sexual.

Em seguida, fizemos a construção de uma história maluca, a qual iniciava com uma frase da letra da música e a continuação se dava com frases que os indivíduos achassem que fosse coerente escrever. No resultado podemos perceber erros ortográficos e dificuldade de expressão os quais eram um dos propósitos do projeto de apoio e superação (Figura 4). Vemos novamente a representação do amor como coisa de louco, de bobo e de perturbação.

Figura 4 – Frases construídas a partir de discussões acerca das letras de funk – Parte 3



Fonte: Acervo da autora (2021).

O trabalho com as questões de gênero e o funk como ferramenta de trabalho, evidencia a importância de trabalhar a partir do contexto social e realidade dos sujeitos ativos da aprendizagem. A partir das letras das músicas podemos trabalhar a criticidade e engajamento social dos indivíduos. Com base nas expectativas deste projeto, esperamos contribuir futuramente proporcionando uma aprendizagem que contemple as predileções em música dos sujeitos e o desenvolvimento de importantes conteúdos para a formação dos mesmos; assim, a prática não terá fim em si mesma, mas irá dialogar com as vivências dos aprendizes para que faça sentido e os sujeitos

possam realizar uma leitura consciente da realidade que os cercam, se tornando cidadãos críticos.

O projeto Aprender Esperançando continua suas atividades até os dias atuais, trabalhando com os sujeitos a construção de frases e textos, buscando sanar as dificuldades e lacunas encontradas na aprendizagem dos mesmos. Desse modo, propondo atividades adequadas para as necessidades dos sujeitos ali inseridos e considerando o contexto social e o impacto causado na aprendizagem, os mesmos terão a possibilidade de avanço nas aprendizagens. A falta de estímulos, o acesso restrito à leitura e a escrita dificultam o processo de conhecimento, entretanto, as crianças e adolescentes durante todo seu processo vão criando hipóteses e o fato de uma criança não ser leitora, não significa que a mesma não tenha ideias acerca da leitura e escrita. Sabemos que a alfabetização ainda é um grande desafio em escolas públicas do país pela realidade social dos sujeitos em vulnerabilidade social e situação de acolhimento, além da falta de formação continuada dos professores.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017), as experiências que os sujeitos trazem conseguem do ambiente familiar, cultural e social, o contato com as tecnologias, memórias, estimulam sua curiosidade e assim, novos questionamentos surgem, fazendo com que o indivíduo amplie sua compreensão de si mesmo e do mundo social, das relações humanas no qual ele está inserido.

Para a Base Nacional Comum Curricular (2017), cada atividade de linguagem propicia dimensões de conhecimento que o sujeito não alcançaria de outro modo. Interagir com outros tipos de linguagens, seja por meio de outras línguas, culturas, artísticas, práticas, nos levam a desenvolver o nosso conhecimento e perceber o mundo e a si mesmo, fazendo uma reflexão crítica e consciente da realidade que os cercam.

Para tanto, iniciamos nossas reflexões registrando que a palavra gênero só foi encontrada no texto final da BNCC quando se refere a gênero textual/literário/musical. Foram encontradas ainda algumas aparições na área de Ciências Humanas no Ensino Fundamental e na de Ciências da Natureza, do Ensino Médio, ambas se referindo aos gêneros textuais e não à ideia de gênero enquanto construção social em torno dos atributos femininos e masculinos, conforme identificamos na área dos estudos de gênero, o que nos fez pensar que na Base não há espaço para essa discussão. Ainda podemos ressaltar que a palavra gênero foi substituída na BNCC por diversidade.

Monteiro e Ribeiro (2020) afirmam que a palavra gênero e a expressão orientação sexual foram suprimidas da versão final da BNCC e vinculam tal afirmação aos movimentos de grupos políticos conservadores, ligados a instituições religiosas.

O trecho que defendia o respeito à orientação sexual de cada um foi suprimido, um dos exemplos de que a elaboração e aprovação da Base Nacional Comum Curricular passaram pelo crivo cultural mencionado, ficando à mercê de influências religiosas fundamentalistas, conservadoras e moralizantes que, em detrimento da ciência, eliminaram de seu texto final todo conteúdo associado a Gênero... (MONTEIRO, Solange Aparecida de Souza; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. 2020, p. 11).

A proposta se constitui de ações pedagógicas necessárias ao processo de aprendizagem da língua materna, permitindo que os envolvidos desenvolvam com segurança as variáveis envolvidas que influenciam na construção da escrita e consequentemente da leitura com autonomia vivenciando práticas de letramento social estimulando o gosto e o prazer pelas práticas educativas. Considerando o projeto proposto e pensando na formação de estudantes de Licenciatura na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e nas potencialidades da Extensão Universitária como um meio para produção de conhecimentos com outros setores da comunidade, buscamos potencializar reflexões sobre as contribuições da extensão e suas interfaces com as diretrizes da Política de Extensão da UFSM conforme a Resolução nº 006/2019. Portanto o potencial da ação está na interação dialógica estabelecida entre universidade e as instituições envolvidas priorizando a interdisciplinaridade, a possibilidade de interação dialógica na formação de professores; a contribuição de diferentes disciplinas para a abordagem da ação; à indissociabilidade entre extensão-ensino-pesquisa; ao impacto na minha formação.

Para Paulo Freire (2006) um ato dialógico que valoriza o conhecimento do outro sobre o assunto analisado, colocando-o em posição de sujeito do conhecimento, capaz de se apropriar de informações e produzir conhecimentos constitui-se um ato de autonomia para os envolvidos. A regra de conhecimento se dá através da mútua conversação entre os sujeitos, por este motivo a interação do ser humano na busca de transformações sociais torna-se essencial para entendermos a dialogicidade do ato educativo. Normalmente, o diálogo é entendido como uma possibilidade de "democratizar" um tempo e espaço, onde todos tenham o direito de falar. Na

pedagogia freireana o diálogo não é só isso. Quando ele se refere ao diálogo amoroso não está falando de um bate papo descompromissado entre pessoas na sala, quarto ou botequim. Ele está falando num diálogo onde o interlocutor por meio de perguntas questiona as verdades do objeto em questão. De acordo com Paulo Freire, o diálogo não provoca nos sujeitos a possibilidade de conhecer concretamente, é a partir da teoria-prática que o saber passa a ser elaborado, portanto, o diálogo freiriano é o amor pelo objeto que pode ser conhecido e o modo como as pessoas se tratam amorosamente no ato de descobrir o que antes estava velado. Conhecer com franqueza e fraternidade.

Tardif (2002) sugere que os professores, desde sua formação inicial, precisam entrar em contato com situações concretas que demandam posicionamentos, ou improvisações, dificilmente desenvolvidas unicamente no ambiente da universidade. Nesse sentido, poder experimentar a construção de conhecimento desses sujeitos em relação aos Estudos de gênero foi uma experiência muito rica. Além disso, os conhecimentos que busquei me aprofundar na Especialização de Estudos de gênero trouxe grandes provocações e me fez repensar algumas propostas que poderiam ter sido trabalhadas com os jovens.

Os Estudos de Gênero representam a grande saída diante dos impasses provocados por teorias que procuram causas originais da dominação do sexo feminino pelo masculino, enraizado em letras do funk. Desse modo, não podemos mais incorrer no erro de interpretar as diferenças, as desigualdades e a violência como algo exterior à escola (BELLO-RAMÍREZ, Alanis; PEREIRA-VIANNA, Cláudia, 2021).

Se a escola é uma instituição social, elas se fazem presentes nos tempos e espaços escolares da educação básica e do ensino superior. Diante de tudo isso, é imperativo que a produção teórica educacional se dedique ainda mais à interpretação e análise desses fenômenos por meio de estudos e pesquisas que enfrentem o desafio de interpretar o fenômeno educacional da atualidade e seu impacto sobre a vida dos sujeitos da educação em uma perspectiva crítica e que articule de forma interseccional as questões de classe, raça, gênero e diversidade sexual.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minha escrita da proposta para realizar este trabalho parte do exercício de rememorar meus processos constitutivos, sendo o efeito de um acontecimento, do meu encontro com algumas materialidades discursivas e práticas vivenciado no decorrer do meu constante movimento acadêmico no Curso de Pedagogia- Diurno da UFSM e posteriormente no Curso de Especialização em Estudos de Gênero.

Ao fazer esse exercício, tenho estabelecido o desejo de querer ser professora desde minha adolescência. Durante essa fase me deparei com algumas situações cruciais, como a pressão para decidirmos uma profissão em uma idade tão jovem, em que a imaturidade pondera e a pressão externa é grande, para que possamos escolher uma atividade profissional que seja rentável e reconhecida diante da sociedade.

Ainda assim, por pura teimosia, escolhi ser professora, pois acredito que o único meio de termos uma sociedade emancipatória e que não seja alienada, é por meio da educação. Entretanto, em meio a tantos devaneios, decidi que faria o Curso Normal aos 14 anos de idade no Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac. Desde então, venho construindo um perfil docente, com minhas vivências durante as práticas realizadas em todas as modalidades de ensino e concomitante a isso, os estudos teóricos para embasamento das mesmas.

Ao final de meu Ensino Médio, tinha como expectativa ingressar no Curso de Pedagogia em uma Universidade pública, pois acredito muito no trabalho que essas Instituições realizam por meio de pesquisas e formação humana. No ano de 2017 ingressei na Universidade Federal de Santa Maria, no Curso de Pedagogia Licenciatura Plena - Diurno e passei a participar do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), realizando atividades de rede pública e pesquisando acerca da Educação Infantil.

Em 2018, passei a participar do Projeto Inspira, juntamente com a Prof^a. Dr^a. Graziela Escandiel de Lima e Prof^a. Dr^a. Márcia Paixão. O projeto tem como um de seus objetivos aproximar famílias separadas pelas condenações das mães que cumprem pena no Presídio Municipal de Santa Maria. O projeto atua desde 2016, visando à organização de ações educativas, pedagógicas, atendimento psicossocial e de saúde para acompanhar as crianças e manter o vínculo com suas mães. O Projeto é liderado pela Universidade Federal de Santa Maria em conjunto com a Polícia Federal e Superintendência de Serviços Penitenciários.

Durante minha trajetória acadêmica me dediquei a estágios extracurriculares com bolsas remuneradas em algumas escolas, na condição de auxiliar pedagógica. No decorrer de minha trajetória também fiz parte do Programa de Residência Pedagógica que atua com o objetivo de induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de Educação Básica, a partir da segunda metade de seu curso. O trabalho foi realizado de forma remota visto que estávamos enfrentando uma pandemia do Covid 19 no cenário mundial.

Minhas últimas experiências profissionais foram em um contexto de escolas particulares e Municipais, como professora regente. Dessa forma, pude ir construindo minhas reflexões diante à docência, as diferentes infâncias e a importância de um ensino de qualidade, com profissionais capacitados, pois a escola quando pensada em um lugar de formação integral dos sujeitos, deve buscar trabalhar acerca da realidade social, por meio de propostas que visem muito além de uma formação mecânica e conteudista, tendo em vista que não é para a escola que o professor educa, mas para a vida, formando cidadãos. O projeto Aprender Esperançando, surge com o objetivo de concretizar trocas de saberes entre as instituições envolvidas e as propostas previstas na Frente de ações educativas do Projeto Esperançando, tendo como intuito de contribuir e consolidar o processo de leitura e construção textual das crianças e adolescentes atendidas pelo projeto.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a linguagem materializa-se em práticas sociais, com objetivo e intenção. Por essa razão, estabelece a centralidade no texto como unidade de trabalho e indica a necessidade de sempre considerar a função social dos textos utilizados, sinalizando assim, para a importância de que as crianças e adolescentes trabalhem com textos reais que fazem parte do seu dia e que tenham interesse, pois assim abordará o contexto social dos sujeitos e seus interesses, tornando significativa a proposta de ensino às crianças e adolescentes atendidas pelo projeto Esperançando e Saber Esperançando em duas Instituições de Santa Maria – RS.

Para Paulo Freire (2001), o que possibilita a ação livre, criadora e determinante das condições de existência é o desenvolvimento de consciência, capaz de apreender criticamente a realidade. Por isso ele critica esse tipo de educação que não permite a formação de consciência crítica, pois os(as) estudantes são estimulados a memorizar o conteúdo, e não a conhecê-lo, uma vez que não

realizam nenhum ato cognoscitivo do objeto de conhecimento além do caráter verbalista, dissertativo, narrativo. Características típicas do currículo tradicional, afastadas da realidade existencial das pessoas envolvidas no processo educacional. Essa educação, assim como, o currículo, "[...] sugere uma dicotomia inexistente homens-mundo. Homens simplesmente no mundo e não com o mundo e com os outros. Homens espectadores e não recriadores do mundo" (PAULO FREIRE, 2001, p. 62).

O pensamento de Paulo Freire supera essa concepção bancária da educação, quando formula as bases para uma educação libertadora. Uma educação como prática da liberdade, fundamentada na teoria da ação dialógica, que substitui o autoritarismo presente na escola tradicional pelo diálogo democrático nos diferentes espaços de vivências e de aprendizagens. Esta educação exige que os homens e as mulheres estejam engajados na luta para alcançar a libertação, em um processo incessante de conquista que se dá na comunhão com os outros, o qual resulta de uma conscientização em que os homens e as mulheres (crianças, jovens e adultos) compreendem a sua vocação ontológica e histórica.

Nesta experiência busquei relatar a possibilidade de realizar o processo de letramento, a partir de uma perspectiva crítico- emancipatória, trazendo a realidade e interesse dos sujeitos como ferramenta de ensino. Nesse sentido, o funk foi utilizado para que pudéssemos analisar questões de gênero nas letras das músicas e propor discussões acerca do assunto, construindo leitura e escrita. Os debates foram primordiais, pois essas crianças e adolescentes são a geração que futuramente estará lutando por seus direitos, vivendo com plena consciência sua sexualidade. Nesse sentido, é também importante ressaltar a naturalização dos crimes, como feminicídio, ressaltados na objetificação da mulher em letras do funk e os crimes de guerra entre homens em busca de poder e ostentação. Desse modo, o trabalho com o Funk evidencia a importância de trabalhar a partir do contexto social e realidade dos sujeitos, o qual é violento e subalterno. A partir das letras das músicas podemos trabalhar a criticidade em relação às letras e o engajamento social desses sujeitos, assim, a prática não terá fim em si mesma, mas irá dialogar com as vivências dos aprendizes para que faça sentido e os sujeitos possam realizar uma leitura consciente da realidade que os cercam, se tornando cidadãos críticos.

Nesse sentido, por meio da retomada de experiências, ao revisitar um trabalho já antes realizado, com uma nova perspectiva em relação aos Estudos de Gênero, fez

com que eu pudesse refletir questões acerca do olhar atento às falas trazidas e registradas e para além disso, a importância da preparação para a observação/inserção em contextos de educação não-formal. Ao nos inserirmos nesses espaços, reeducamos nossos olhares, isto é, partimos da concepção de sermos mais atentas e cuidadosas com o que cercava o cotidiano do grupo todo, partindo de um olhar atento para cada criança e adolescente, suas singularidades e seu contexto social, de forma que a educação possa tornar-se significativa para os sujeitos ativos da aprendizagem.

No que diz respeito ao professor na Antiguidade, era preciso apenas dominar os conteúdos para lecionar, entretanto, o professor da atualidade não é mais apenas um mero reprodutor de conhecimento, sua ação é compreendida como um processo permanente de aperfeiçoamento profissional. O professor deve ser um mediador de conhecimento, que apoia o acesso ao conhecimento e não o detém, contribuindo para a formação de cidadãos críticos da realidade que os cercam.

Revisitar este trabalho proporcionou um contato mais profundo nas questões de gênero, pautadas em espaços de educação não-formal com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Além disso, tivemos a possibilidade de refletir sobre as questões acerca do planejamento e registro. Os registros servem como um diário das experiências vivenciadas, ele vem associado ao planejamento e às avaliações. O ato de planejar é traçar a intencionalidade do processo educativo, em que o mesmo deve ser flexível, se adaptando à realidade encontrada. Nesse sentido, o planejamento deve partir de um olhar atento para com as crianças, sendo necessário o registro de suas percepções, impressões, de forma que se possa ampliar a compreensão da nossa prática como docente, percebendo o grupo, seus movimentos, para que se possa levantar questões acerca do que precisa ser melhorado. Registrar é ver e rever-se.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Fagner Alves. Gênero musical funk e o ensino-aprendizagem de língua portuguesa. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 10, n. 6, p. 181-196, 2023. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/6850>. Acesso em: 4 dez. 2023.
- ALDEIAS INFANTIS SOS BRASIL. **Projeto Político Pedagógico da Escola**. Santa Maria, RS, 2016.
- ARNOLDT, Jason Patrick. **Transformações no funk carioca (1980-2017): cenário sócio-histórico e cultural, hibridismos e principais personagens**. 2019. Dissertação (Mestrado em Música) – Escola de Música e Artes Cênicas, Faculdade Federal de Goiás, Goiás, 2019. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/teserver/api/core/bitstreams/673db394-af03-410a-9c39-0b9a03e61fd0/content>. Acesso em: 4 dez. 2023.
- BARREIRO, Alex. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. **Pro-posições**, v. 24, n. 1, p. 269-274, jan./abr. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/rJwv8nh9VfC3ggZ9BsQTbmH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 4 dez. 2023.
- BAUER, Greta R. Incorporating intersectionality theory into population health research methodology: challenges and the potential to advance health equity. **Social Science & Medicine**, v. 110, p. 10-17, 2014. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0277953614001919?via%3Dihub>. Acesso em: 4 dez. 2023.
- BELLO-RAMÍREZ, Alanis; PEREIRA-VIANNA, Cláudia. Profesoras en medio de la violencia armada: una pedagogía visceral desde las favelas de Rio de Janeiro. **Revista CS**, n. 33, p. 11-40. Disponível em: <https://doi.org/10.18046/recs.i33.4106>. Acesso em: abr. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: DF, 2017.
- BRILHANTE, Aline Veras Moraes; GIAXA, Renata Rocha Barreto; BRANCO, July Grassiely de Oliveira; VIEIRA, Luiza Jane Eyre de Souza. Cultura do estupro e violência ostentação: uma análise a partir da artefactualidade do funk. **Interface**, Botucatu, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/PNPrKHxpfXdPjLk8Zqzthvb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 4 dez. 2023.
- CARTACAPITAL. Brasil registra pico de feminicídios em 2022, com uma vítima a cada 6 horas – Justiça. **CartaCapital**, 8 mar. 2023. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/justica/brasil-registra-pico-de-femicidios-em-2022-com-uma-vitima-a-cada-6-horas/>. Acesso em: 4 dez. 2023.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23 ed. São Paulo: Editora Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

_____. (2001), "**Algumas reflexões em torno da utopia**", in , *Pedagogia dos sonhos possíveis* 3. reimp. São Paulo, Editora da Unesp.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. tradução Stephanie Borges. São Paulo: Efevante, 2021. 272p.

LONGARAY, Deise Azevedo; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Travestis e transexuais: corpos (trans)formados e produção da feminilidade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 24, n. 3, set./dez. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/KMw7k6XzmPJLLmMjn5zdncc/?format=pdf>. Acesso em: 4 dez. 2023.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e a teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. 191p.

MONTEIRO, Solange Aparecida de Souza. RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Sexualidade e Gênero na atual BNCC: possibilidades e limites**. Pesquisa e Ensino, Barreiras, v. 1, e202011. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufob.edu.br/index.php/pqe/article/view/626>.

NOVAES, Edmarcius Carvalho; GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades em foco: diferentes perspectivas teóricas sobre ser homem. **Anais [...]**. In: 10º CONINTER – Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades. Niterói, RJ, Programa de Pós-Graduação, 2021.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José Eduardo. **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berleandis & Vertecchia, 2009.

SCHUMACHER, J.; GONÇALVES, O. A. A leitura através do funk com adolescentes nas medidas socioeducativas. In: GONÇALVES ZAPPE, Jana; DIAS, Ana Cristina Garcia; LORDELLO, Silvia Renata Magalhães (Orgs.). **Compromisso social com crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade: o papel da extensão universitária na área de direitos humanos e justiça**. Santa Maria: Editora UFSM, Pró-Reitoria de Extensão, 2020.

SOUSA, Renata Floriano de. Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra mulheres. **Revista de Estudos Feministas**, v. 25, n. 1, p. 9-29, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/6pdm53sryMYcjrFQr9HNcnS/#>. Acesso em: 4 dez. 2023.

SOUSA, Iskaime da Silva. **Paródia e gênero no ensino fundamental II: discutindo imagens da mulher a partir da retextualização de letras de funk**. 2016.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS) –Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2016.

SPATZ, Alexandre. Curso História da Música online. **HotmartClub**. Disponível em: [Mushttps://historiadamusicaonline.club.hotmart.com/](https://historiadamusicaonline.club.hotmart.com/). Acesso em: 4 dez. 2023.